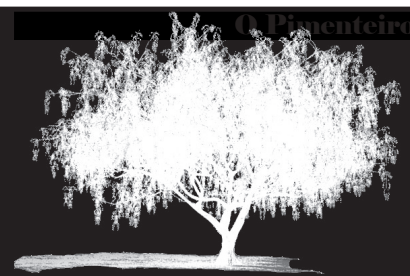


O Pimenteiro

Nº 2 - Agosto de 2012
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

jornalpimenteiro@gmail.com



O PAPEL É RECICLÁVEL. A INFORMAÇÃO TAMBÉM. PASSE ESTE JORNAL ADIANTE!



Você sabia que uma das escolas do Pimentas tem um projeto de incentivo à leitura?

Academia Estudantil de Letras



Fotos: GoogleMaps e Divulgação

Folhetim

Nesta seção publicaremos um folhetim – uma estória dividida em capítulos, mais ou menos como uma novela (na verdade, os folhetins ajudaram a criar a moderna novela da TV).

No nosso caso, o folhetim é baseado em fábulas – cada título é retirado de uma fábula, como as de La Fontaine, Esopo, etc, exceto pelo primeiro, que é o título de nosso folhetim.

Os trabalhadores e o castelo sem fim

T.A.C. Amaral

Capítulo 2: Os animais doentes da peste

Os ratos eram um problema no castelo em construção.

Como em todos os lugares em que há ratos, se há comida e onde se abrigar, e ninguém faz nada, eles se multiplicam rapidamente.

Mas estes eram um pouco diferentes – vivendo no castelo encantado ainda em construção e ali observando os trabalhadores, aprenderam algo, ficaram mais es-

peritos. Aprenderam que deveriam se organizar para conseguirem o que queriam.

Enquanto isso, os trabalhadores, envolvidos com os diversos projetos, as variadas tarefas e os grandes problemas de erguer um castelo a partir do nada, deixaram os ratos proliferarem.

Em realidade, muitos trabalhadores acreditavam que os ratos, como seres vivos, deveriam ser deixados em paz, deveriam poder viver suas vidas como bem quises-

sem. Mas ratos não dividem, não constroem, não acrescentam – eles destroem, poluem e contaminam. E estes não eram diferentes.

Os ratos, então, decidiram esconder-se dos trabalhadores enquanto se organizavam, aumentavam seus números e preparavam uma grande reunião.

.....

Confira a continuação deste folhetim na nossa próxima edição!

Editorial

Eu era uma criança solitária e talvez por isso gostasse de escrever. Havia uma velha máquina de datilografar que ficava encostada e abandonada em um canto da casa em que eu morava. Muitas vezes levei a tal máquina (e hoje é estranho chamar aquilo de “máquina”) para a mesinha de centro da sala e ali brincava de ter um jornal. Naturalmente, eu não poderia imaginar que um dia eu poderia fazer isso de verdade. Agora eu imagino que as coisas, mesmo as que parecem distantes, são possíveis. E são gratificantes também. É muito gratificante escrever a alguém.

Talvez você, querido leitor, tenha encontrado um jornalzinho como este em algum canto do Pimentas. Pois é, não era um panfleto anunciando sei lá o quê, era O Pimenteiro! O jornal cultural feito para os moradores do Pimentas! Pegue este jornalzinho do canto e leve-o para ler!

Dizem que a segunda vez é ainda melhor, ao menos foi isso o que eu li no subtítulo de um filme quando eu era adolescente. Eu venho acreditando nisso e sempre quando acabo de fazer alguma coisa – qualquer coisa – aposto comigo mesma que sou capaz de fazer melhor na vez seguinte. Há vezes em que a vez seguinte não chega nunca, mas, no caso deste jornal, a vez seguinte chegou e chegou cheia de surpresas e novidades para que nós tenhamos a oportunidade de fazer melhor desta vez e nas próximas edições.

Boa leitura!

Mayra Guanaes

Língua Portuguesa

O nosso amigo Hífen

Fabiana Fanganiello

Tracinho, sinal, coisinha.... Ele recebe vários nomes que não mostram como ele é importante na hora da escrita. Não é à toa que ele recebeu atenção especial no Novo Acordo Ortográfico, em vigor desde o início deste ano. A seguir, algumas orientações sobre o uso desse tracinho amigo, que mesmo o poderio da informática não conseguiu mitigar.

- Use-o quando a palavra composta for formada por um prefixo cuja última vogal seja idêntica àquela que inicia o segundo elemento: contra-acusação, eletro-óptica, micro-ondas, sobre-exposição.
- Quando o primeiro elemento é um dos prefixos *ex*, *sota*, *soto* ou *vice*, use-o: *ex-presidente*, *sota-embaixador*, *soto-mestre*, *vice-reitor*, *vice-versa*.
- Quando o segundo elemento inicia-se com “h”, use-o: *anti-horário*, *anti-humano*, *hiper-hidratação*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *super-homem*.
- Quando o primeiro elemento termina por vogal diferente daquela que inicia o segundo elemento, a palavra é escrita sem hífen: *antiacadêmico*, *anteontem*, *antiepiléptico*, *autoajuda*, *infraestrutura*, *autoescola*, *plurianual*.
- Não se usa hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento se inicia com “r” ou “s”. Nesses casos, essas consoantes são duplicadas: *minissaia*, *contrarrevolta*, *atirreal*, *semirrápido*.
- Também é preciso usá-lo nas separações de sílabas ao final da linha, mesmo que a palavra possua o hífen na sua constituição.

“Língua Portuguesa”

Mande dúvidas ou sugestões de dicas de português que você gostaria de ver aqui:
jornalpimenteiro@gmail.com

Expediente

Direção:
T.A.C. Amaral

Comunicação:
Mayra Guanaes

Produção local:
Denise Ferreira

Revisão:
Fabiana Fanganiello

Arte:
Cássio Rocha

Diagramação:
Sarah Piasentin

Colaboraram nesta edição:
Erorci Santana
Lucas Araújo Silva
Marcela Tiboni
Mauro Marcel
Paulo Ramos
Shirlei Alexandra da Cunha

O Jornal “O Pimenteiro” é uma publicação cultural voltada para a população do bairro dos Pimentas, Guarulhos.

As opiniões expressas nos artigos assinados não necessariamente refletem a visão do Jornal.

Todos os colaboradores participam voluntariamente de sua elaboração.

Contato:
jornalpimenteiro@gmail.com

Visite nosso site:
jornalpimenteiro.weebly.com

Tiragem desta edição:
1000 exemplares

Guarulhos, Agosto de 2012.

Apoio:
FapUNIFESP - Fundação de Apoio à
Universidade Federal de São Paulo



Literatura no Pimentas

Denise Ferreira
Mayra Guanaes

Foto: <http://ael.zip.net/>



35º Encontro Acadêmico da AEL Padre Antônio Vieira, que aconteceu em 2009.

A Academia Estudantil de Letras (AEL) é um projeto de Literatura que começou em 2005, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antônio Vieira, iniciando sua expansão para outros colégios no ano seguinte. Este projeto tem a finalidade de estimular o gosto dos alunos pela leitura e aprimorar a escrita, desenvolvendo hábitos de estudo e criando uma rotina disciplinar que, além de promover a autoestima e praticar a inclusão, tem reflexos na sala de aula, ajudando a vencer barreiras que os alunos têm ao “falar em público”.

Este projeto também acontece na Escola Estadual Professora Maria Aparecida Rodrigues, localizada na região dos Pimentas, na cidade de Guarulhos. Quem trouxe o AEL para o Pimentas foi a professora Shirlei Alexandra da Cunha, que apresentou o projeto à direção, depois à coordenação e aos professores da escola, pois já o desenvolvia na EMEF Profº Abrão de Moraes,

no bairro Artur Alvim, em São Paulo.

A direção e a coordenação acharam uma excelente ideia para incentivar o “protagonismo juvenil”. Os alunos ficaram empolgados, pois podem se reunir para trocar ideias, se expressar e falar de literatura de uma forma diferente da que já estavam acostumados durante as aulas.

Nesta escola há, em média, 20 alunos participantes, que a princípio escolhem por afinidade um autor literário para pesquisar, podendo ser nacional ou não. Depois a pesquisa é direcionada aos autores com um número maior de obras publicadas, para que os alunos possam ter mais acesso aos materiais de pesquisa. Segundo a professora Shirlei, “Alguns já vêm com seu ‘amigo literário’ e durante as aulas de literatura vamos apresentando outros”.

No momento, a AEL é um projeto piloto e foram convidados todos os alunos do sexto ano da escola. Em um cenário ideal, a

atividade se iniciaria no Ensino Fundamental I, estendendo-se até o final do Ensino Fundamental II.

Os encontros proporcionam uma relação de proximidade entre os alunos e a literatura, deixando-os num mesmo patamar. Outra forma de contato com os autores acontece por meio da linguagem teatral: os alunos montam cenas dos livros. “Eles vivenciam, por meio dos textos, uma forma de se libertarem de processos opressores. As aulas de teatro são uma forma de se expressarem e se most-

trarem como seres importantes dentro de uma coletividade”, diz a professora.

O projeto AEL procura envolver os pais dos alunos para que eles possam entender a dimensão da iniciativa e, assim, incentivarem os filhos a participar. Para nós d’O Pimenteiro e para a professora Shirlei, este projeto proporciona também melhores resultados no desenvolvimento de outras disciplinas. “Lendo, o aluno aprende a escrever. Escrevendo melhor, ele pode se comunicar com mais fluência e isso o ajuda em todas as disciplinas, não apenas em Língua Portuguesa”, conclui.



Shirlei Alexandra da Cunha é formada em Letras pela Universidade Paulista de São Paulo e em Psicopedagogia na Universidade Cruzeiro do Sul. Atua como professora efetiva do Estado

de São Paulo em Língua Portuguesa e efetiva no Município de São Paulo em Língua Inglesa.

Mesma franquia, diferentes influências

Paulo Ramos

Tive de resolver uns assuntos num shopping de São Paulo neste início de semana.

No corredor do centro comercial, lá longe, via um pingo de gente com uma roupa preta e capa, ao lado do que parecia ser o pai.

O passo apressado, sempre apressado, ia aproximando a imagem do garoto. Não devia ter mais que três anos. A vestimenta era o que eu já suspeitava: uma fantasia de Batman.

Todo cheio de si, o menino desfilava pela (e para a) multidão. Passei por ele, sorri, recebi outro sorriso como resposta. Na cabeça do garotinho, ele era mesmo o super-herói.

*** ** *

A cena contrastava com a vida no extremo norte do continente, na sexta-feira passada (20.07).

Em Aurora, subúrbio de Denver, nos Estados Unidos, uma sessão de estreia de "O Cavaleiro das Trevas Ressurge" foi marcada por um massacre.

James Holmes, de 24 anos, invadiu a sala armado com fuzil, escopeta e pistola automática. Usou a plateia como alvo. Com os cabelos pintados, teria dito ser o Coringa.

Doze pessoas morreram. Cinquenta e oito ficaram feridas.

*** ** *

A tragédia vista nos Estados Unidos é lamentável por todos os ângulos por onde se olhe. Nada justifica a ação de Holmes.

Ele foi influenciado pelos dois filmes anteriores de Batman, exibidos em 2005 e 2008? Se o que ele e a imprensa disseram for mesmo verdade, é até possível.

Mas turvar ficção e realidade, aos 24 anos de idade, é algo fora do padrão. Revela um distúrbio de alguma natureza. Precisa ser diagnosticado por quem entende do ramo.



Os outros milhares de espectadores que viram os mesmos longas-metragens, por outro lado, influenciaram-se de maneira bem diferente e não violenta.

*** ** *

É difícil medir a recepção de uma narrativa, cinematográfica ou não, baseada nos quadrinhos ou não, na vida de uma pessoa. Difícil porque se ancora na subjetividade.

Pode ser que alguém tenha ficado assustado com os filmes de Batman, a ponto de não conseguir nem olhar para a tela...

Pode ser que alguém tenha vibrado ao ver o herói tão bem representado pelo diretor Christopher Nolan...

Pode ser que alguém tenha idolatrado os longas... Pode ser que alguém os tenha odiado... Pode ser que alguém nem tenha assistido a eles...

*** ** *

Talvez um norte-americano tenha se inspirado no problemático vilão do segundo filme da franquia para assassinar uma dúzia de norte-americanos e ferir outras dezenas.

No Brasil, poucos dias depois, um garotinho se baseava no mesmo herói e usava a fantasia do personagem para lutar contra o mal nos corredores de um shopping paulistano.

À maneira dele, sempre ao lado do fiel mordomo paterno...

Uma mesma narrativa conduz a diferentes percepções e reações. Se uma delas pode ter levado a um massacre, não pode resumir todas as demais, nem ser a regra contra o filme.

*** ** *

Só para ficar claro: o garotinho vestido de Batman na imagem não é o mesmo que vi no shopping; a foto é de um dos sites que comercializam essas fantasias.

Texto publicado no blog <http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/> e cedido gentilmente pelo autor.

Trilogia de Batman faz história nos cinemas

Daniel Américo



Foto: <http://tinyurl.com/9yrtt9>

Inspirado nas histórias em quadrinhos dos anos 1980 e 1990, a nova trilogia do Batman nos conta como o Homem Morcego surge, ascende, desaparece e finalmente ressurgue. Usufruindo elementos das HQs "Batman: Ano Um", "Batman: O Longo Dia das Bruxas", "Batman: A Queda do Morcego" e, por fim, "Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge", os filmes nos introduzem às angústias, sonhos, dificuldades e ao amor que o Morcego sente pela cidade de Gotham.

Mesmo não trazendo nada de novo em relação à história do personagem, os filmes dirigidos por Christopher Nolan mostram um herói sereno, dramático e principalmente humano. Sendo assim, a trilogia é muito mais do que um simples filme de herói. "Batman Begins", "Batman: O Cavaleiro das Trevas" e "Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge" são filmes policiais, elaborados, dramáticos, românticos e, acima de tudo, cativantes que, assim como suas inspirações escritas, marcarão toda uma geração.

"Batman - O Cavaleiro das Trevas Ressurge" (2012. 165 min)

Diretor: Christopher Nolan

Classificação: 12 anos

Daniel Américo Costa Pereira é um pai de primeira viagem, ama histórias em quadrinhos, é completamente alucinado por cinema e nas horas vagas estuda Letras na Unifesp.

Arte-Educação

Marcela Tiboni

Escolher uma faculdade para cursar com apenas 17 anos é uma tarefa complicada para a grande maioria. Para mim, não foi diferente, percebia uma série de possibilidades interessantes e futuros deliciosos a perseguir. A escolha pela faculdade de Artes Plásticas, eu ousaria dizer, veio um tanto à revelia. Praticante assídua de esportes desde a infância, o curso de Educação Física me parecia a escolha mais certa. Porém, filha de uma professora de Física e um professor de Matemática, tanto Artes Plásticas quanto Educação Física pareciam escolhas distantes para minha família.

Acumulando a minha expectativa com as expectativas dos outros, acabei optando, não pela faculdade mais óbvia, e sim por aquela que me causava mais curiosidade, afinal, o que se aprendia em um curso de educação artística? Quais as possibilidades que esta área me proporcionaria? E eu que até então nunca havia entrado em um Museu ou Instituição Cultural, será mesmo que teria alguma chance?

A partir de então fica difícil elencar a quantidade de descobertas e autodescobertas que fiz e tenho feito. Adentrar o universo da arte foi, para mim, como entrar em uma casa desconhecida, escura e cheia de móveis. Tive de tatear, tropeçar, desviar, descobrir, habitar e, por fim, tornar aquele lugar completamente meu.

A primeira vez que entrei em um Museu, já no 1º ano de faculdade, foi uma mistura de sonho com pesadelo, o que via me encantava e, ao mesmo tempo, me fazia perceber meu completo desconhecimento dessa escrita da arte. Mas, assim como uma criança que para alfabetizar-se precisa de um tempo longo de assimilação, fui percebendo que o mesmo se dava com a arte - a frequência, a vivência, a leitura, o diálogo, enfim, o tempo e a convivência fariam despertar em mim uma leitura própria daquele universo em que as regras existem, mas não são fixas, rígidas

e muito menos únicas.

Em 2001, ainda no 2º ano da faculdade, comecei a trabalhar no MAM (Museu de Arte Moderna) como voluntária na área do educativo. Estar dentro de um Museu me fez perceber a arte de outro ponto de vista. O contato foi intenso com as obras, com os artistas, curadores, montadores, produtores, organizadores e tantas outras pessoas e equipes que são necessárias para fazer uma exposição de fato acontecer. E talvez mais importante ainda tenha sido a relação com o público, com os visitantes que cada exposição recebia. Pude vivenciar o olhar



do outro sobre uma obra, abrir diálogos sensacionais sobre trabalhos que nem mesmo eu conseguia absorver, a relação de troca passou a nutrir todo o meu trabalho. Nos anos que se seguiram trabalhei como educadora em diversas exposições como Napoleão Bonaparte, Picasso, Guerreiros de Xí'an. Em 2004, iniciei uma variação de cargo e passei à supervisão das equipes de educadores. Foi assim em exposições como a 26ª Bienal Internacional de São Paulo, Marrocos, entre outras. Daí em diante me envolvi cada vez mais com a área da chamada educação não-formal, ou seja, aquela que é realizada fora da sala de aula. Em 2010, abri minha própria empresa de arte-educação, chamada Acon-

temporânea, cujo objetivo era simplesmente o de poder realizar, dentro da arte e da educação, tudo aquilo em que eu sempre acreditei e ainda colocar em prática tudo aquilo que aprendi e gostaria de experimentar.

Já coordenei as chamadas mega-exposições, com equipes de 100 educadores, outras bem menores com 8 ou 9 educadores, e com os mais diferentes temas. Houve exposições com temática infantil, como "Arte para crianças" (SESC Pompeia, 2009) ou "Pinóquio: Uma bela arte" (atualmente no SESC Belenzinho), outras trazendo a arte contemporânea, como a 28ª Bienal Internacional de São Paulo (2008), ou "Tripé" (SESC Pompeia - 2010), ou ainda, as relacionadas à videoarte, à Amazônia, ao judaísmo, enfim, em mais de 10 anos atuando nessa área, tive o privilégio de trabalhar em mais de 30 exposições diferentes e não tenho como dimensionar a quantidade de coisas que aprendi. No fundo, toda vez que sou contratada para atuar em uma exposição, acabo pensando: "mais uma vez vou ter a honra de ser paga para aprender ainda mais!"

Trabalhar como educadora, supervisora e, atualmente, coordenadora de equipes educativas me faz hoje olhar para a educação com uma perspectiva bastante positiva. Estar dentro de uma exposição e poder criar relações entre as diferentes obras expostas, dialogar com todo o tipo de visitante, ressignificar nossos olhares e, principalmente, entender que existem dias em que a gente ensina e em muitos outros em que a gente aprende. É nessa educação que eu acredito, que é baseada na relação primordial da troca, em que conhecimentos, ensinamentos e descobertas se misturam e, aliados, tornam o nosso trabalho uma eterna relação de crescimento.

Marcela Tiboni, 30 anos, formada em Artes Plásticas e mestre em Estética e História da Arte. Há 10 anos atua como educadora em exposições de arte e de história. Atualmente é Diretora Cultural da empresa Acontemporanea Projetos Culturais.

Noite Feliz

Mayra Guanaes

O aniversário chegou mais cedo neste ano. Ganhou uma caixa de livros dela, a moça da caixa de livros. Uma caixa cheia deles.

- Vem aqui no carro, você pode escolher quais você quer levar.

Livros são como animais e pessoas disponíveis na adoção. É doloroso não poder escolher todos, contudo, desta vez podia escolher mais de um, todos, talvez.

Tentou segurar o sorriso amarelo ao ver a caixa organizada com os livros empilhados dentro do porta-malas do carro. Meio descrente começou a mexer nos livros. Em um deles havia uma dedicatória.

- Olha, este aqui tem uma dedicatória, você não vai pegar de volta?

- Este? Não, ela não é mais minha amiga, pode levar.

Sentiu uma tristeza horrível ao escutar isso. Alguém teve a oportunidade de estar ali, naquele coração, e não estava mais.

Por outro lado, uma caixa de livros anunciava uma porta aberta.

Se alguém estivera ali e não estava mais, havia espaço livre, portanto.

Disse um obrigada provavelmente vazio diante de uma caixa de livros, um gesto tão generoso.

Chegou em casa e depositou a caixa no piso de madeira. Sentada com as pernas em volta da caixa, pegou um por um dos livros como em uma manhã de Natal em que se acredita que o Papai Noel esteve ali deixando um presente maravilhoso debaixo do pinheirinho cheio de bolas e anjos pudicos com harpas, pisca-pisca com defeito e cheiro de mato.

Um Cesário Verde chamou a atenção, cheio de anotações dentro de suas páginas, guardando memórias de um aprendizado.

Sobre isso, a moça da caixa de livros já havia comentado anteriormente em outra ocasião:

- Os textos estão anotados assim porque é livro de professor, vocês sabem!

Anotações feitas por uma letra agora já familiar. Outrora brincou de analisar grifo por grifo

de uma "xerox" que certa vez caiu em suas mãos. Aquele texto deveria estar demasiadamente chato, mas agora as coisas seriam diferentes, depois de uma caixa de livros, seu problema de concentração ao ler, com certeza, seria curado.

Folheou o Cesário Verde, tão cânone, tão distante. Ranz, o moço com o qual dividia apartamento, disse uma vez que quando alguém trazia algo de sua casa, este algo vinha com o cheiro da casa de origem.

Pandora, a gata, reconheceu o cheiro dos gatos, visto que não queria sair da caixa de forma alguma.

E o Cesário Verde guardava dentro de si um fio de cabelo dela. Deixou ali. Encantada com o presente, a caixa de livros, pensou que algumas pessoas é que são um presente. Um presente grande.

Quando não está lendo, Mayra Guanaes escreve no www.deliriosdebolso.blogspot.com

Tietê

Erorci Santana

Imagino os peixes subindo em ziguezague, aos saltos no rumo de tua nascente, ao sol ou sob a sombra da alta fronde dos ingás e dos ciprestes para procriar e refazer o périplo do poema que se chama piracema.

E vejo em sonho a vida rediviva sobre as dobras da água limpa, memória exígua de dejetos, substâncias malsinadas, malditas, que rompem a medida equilibrada e justa do que deve ser um rio: fluido, mineral, orgânico, valente.

Onde as crias gerais, as crianças, os peixes, os pássaros, os batráquios que compõem a esperança que rege os são contra os doentes nessa civilização feitas de massacres e insuficiências,

renascem, nadam, correm, e coaxam nas margens, no céu, sob o arco das pontes, onde a vista alcança e o êxtase refunde os homens e expande os horizontes.

Erorci Santana é mineiro, poeta e ensaísta literário, autor de quatro livros publicados, ex-editor do jornal O Escritor. É estudante de Letras na UNIFESP. Contato: erosantana@ig.com.br

Dica: Estante Virtual

T.A.C. Amaral

Esta é uma dica importantíssima para quem quer economizar dinheiro mas não leitura.

O site <http://estantevirtual.com.br> reúne uma grande quantidade de sebos do país todo, com um acervo final enorme, todo catalogado e organizado.

O leitor/comprador faz uma busca e entra em contato com

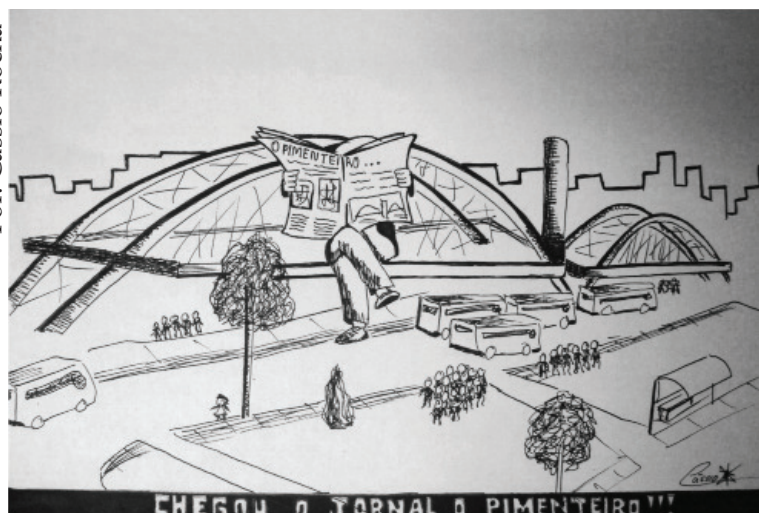
o livreiro, que vende pela internet ou pessoalmente.

Livros novos ou em muito bom estado têm um grande desconto em relação às livrarias de novos em folha, e os mais usados saem às vezes por uma bagatela.

Se não tiver pressa, peça que enviem por PAC - demora mais, mas é muito mais barato.

Você escreve ou desenha? Mande seu trabalho para a nossa equipe: jornalpimenteiro@gmail.com

Por: Cássio Rocha



Sarau Literário

Mauro Marcel

O Sarau Cultural começou como Sarau Literário, mais voltado à literatura e muito, mas muito, mais intimista. No começo, usamos um espaço emprestado de uma instituição privada, iniciando sempre às 18 horas e terminando às 23. Foi em dezembro de 2006 e serviu como reunião de confraternização dos alunos do Cursinho Comunitário Pimentas.

Mas a intenção não era essa (confraternizar no final de um ano difícil). Para isso tínhamos e temos outros eventos. Juntamos, então, os interessados na discussão cultural e nos organizamos para um segundo evento, bem maior, já no espaço em que se consagrou: o recém-inaugurado "Teatro Adamastor Pimentas". Nesse segundo evento, houve a participação de vários grupos de música, intervenções da plateia e duas estreias: a minha, literária, com o lançamento do meu livro de contos "A di-

vina tragicomédia humana" e a do Grupo de Comédia e Teatro Kómus (antigo Maiêutica), com a peça "O Auto da Barca do Inferno".

Depois disso, extrapolamos o limite do simples envolvimento anual com o tema e partimos para a intervenção ao longo do ano, tanto que, depois da peça "O Auto da Barca do Inferno", se apresentou outra. Logo na sequência, nos inserimos em discussões, organizamos fóruns de debates sobre a questão cultural na cidade de Guarulhos e promovemos outros tantos saraus. Participando como convidados em outros saraus, revelamos para o jovem da periferia que a cultura não é um tema político, um assunto social, ou algo pra se debater quando faltar assunto com os amigos: a cultura somos nós, todos, envolvidos num imenso amálgama chamado humanidade, cada um com suas conspirações, inspirações e confluências.



Foto: <http://tinyurl.com/92juhft>

Mauro Marcel é escritor, professor e voluntário no Cursinho Comunitário Pimentas.

"Mais pimenta, por favor!"

Se você tem alguma história relacionada ao bairro dos Pimentas, conte para gente! Queremos publicar histórias do bairro!

Mande sua história para jornalpimenteiro@gmail.com

Coluna social

Aleitamento Materno: o elo que salva vidas

Lucas Araújo Silva

riores, bem como a baixa prática do aleitamento materno.

No Brasil, a campanha é coordenada pelo Ministério da Saúde desde 1999, e ocorre geralmente durante a primeira semana do mês de agosto.

Em Guarulhos, a Maternidade Jesus José e Maria recebeu o selo de Hospital Amigo da Criança e serve de referência na capital para as demais instituições que incentivam o Aleitamento Materno.

"Um hospital, para ser amigo da criança, deve incentivar o aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida do bebê, não aceitar doações de leites artificiais e muito menos receitá-los, além de ir contra o uso de bicos artificiais. [...] O selo Amigo da Criança é um in-

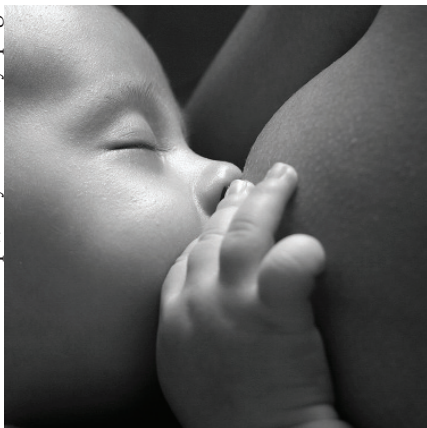
dicativo de excelência em atendimento, e, para recebê-lo, as instituições devem se submeter a algumas normas e rotinas", esclarece Clariane Cândida da Paz, coordenadora de enfermagem da UTI adulto no JJM.

Em 2012 a abertura da Semana na maternidade se deu no dia 30 de julho e contou com o apoio de todos os profissionais para o desempenho das atividades.

A amamentação é um ato natural e simples, uma verdadeira prova de amor. É o primeiro contato entre mãe e filho, uma troca de carinho e experiências que ajuda no desenvolvimento físico e psicológico de ambos.

Lucas Araújo é o novo colaborador fixo d'O Pimenteiro e rege o coral de funcionários de uma maternidade.

Foto: <http://tinyurl.com/dy3pagt>



Em 1992 a Semana Mundial de Aleitamento Materno foi criada para promover a "Declaração de Innocenti", um documento de 1990, oriundo de um encontro entre a UNICEF e a Organização Mundial de Saúde (OMS), em que foram sancionados quatro objetivos para combater o alto índice de mortalidade infantil observada nos anos ante-

Pinóquio: uma bela arte

Texto e Fotos: Mayra Guanaes

A princípio “História de um Boneco” era escrita no formato de folhetim, como o folhetim que temos aqui, na capa do nosso jornal. Acontecia naquela época a unificação da Itália e Carlo Lorenzini assinava o folhetim com o pseudônimo Carlo Collodi (sobrenome inspirado no vilarejo em que sua mãe nasceu). Esse folhetim era escrito para crianças e contava a trajetória de um boneco de madeira que queria se tornar um menino de verdade. Para tanto, Pinóquio passa por várias experiências até aprender com os seus erros e tornar-se responsável pelos seus atos. Collodi chegou a matar o personagem, mas o sucesso

era tão grande que os leitores pediram que ele continuasse a estória. Tempos depois “As aventuras de Pinóquio” foram publicadas em livro e tornaram-se mundialmente conhecidas, traduzidas em muitos países e adaptadas em várias versões diferentes.

Pinóquio representa muitas coisas. As passagens de sua estória também podem ser entendidas como passagens da vida de um ser humano.

Pensando nisso, no significado simbólico da obra, chega ao Brasil a exposição “Pinóquio: Uma Bela Arte”, que cria um diálogo da obra com arte contemporânea. São 9 instalações interativas que podem ser tocadas e experimentadas, e como a estória de Pinóquio, a exposição também é pensada para crianças, de forma que os pequenos (e todo o público) têm a

oportunidade de vivenciar a trajetória de Pinóquio, desde a origem



até a sua transformação em menino de verdade.

Além disso, há o chamado “Grand Atelier Pinóquio”, com brincadeiras educativas que exploram elementos da estória de Pinóquio e uma vitrine em que o público pode contemplar várias traduções, versões e brinquedos inspirados no personagem.

SESC Belenzinho
Rua Padre Adelino, 1.000 – Metrô Belém. Belenzinho, São Paulo/SP
Telefone: 11 2076-9700
Horários: Terça a sábado, das 9h às 22h. Domingos e feriados, das 9h às 20h
Entrada: Gratuita



Heróis dos livros, cinema e quadrinhos invadem a Biblioteca Monteiro Lobato

Sarah Piasentin

De Zumbi dos Palmares a Dom Quixote, de Tintin a Lampião. A Biblioteca Monteiro Lobato abriga no mês de agosto exposições que mostram alguns dos grandes heróis de todos os tempos.

O ciclo de mostras reúne pinturas, desenhos, esculturas, vídeos e objetos relacionados ao tema.

Os artistas Daniel de Souza, Willio Barros e Roberto Rodrigues são os responsáveis pelo trabalho sobre a figura tão misteriosa e atraente do herói, mostrando que esse

Foto: <http://tinyurl.com/9yy5nb7>

Tintin, criação do desenhista franco-belga Hergé, é uma das atrações da mostra. O herói jornalista nasceu nos quadrinhos, já foi desenho animado e recentemente ganhou uma versão para o cinema.

título pode pertencer tanto ao sujeito que usa uma capa preta quanto a um anônimo da vida real.

Confira mais informações e o restante da programação no site <http://www.bibliotecaguarulhos.com.br>.

Biblioteca Monteiro Lobato
Rua João Gonçalves, 439. Centro, Guarulhos/SP
Telefone: 2087-6900
Data: de 08/ago a 01/set
Horários: De segunda a sexta, das 9h às 17h30. Sábados, das 9h às 13h30
Entrada: Gratuita